



A construção do feminino no dentro da bolsa amarela

Por Caio Riter¹ (Porto Alegre, Brasil)

Resumo

Este artigo pretende analisar a presença do feminino no livro *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga, percebendo as implicações da representação da mulher no universo ficcional, em que Raquel está inserida. Uma menina que tem três vontades: crescer, ser homem e escrever.

Palavras-chave: *Femenino, gênero, literatura infantojuvenil, Lygia Bojunga*

1

A década de 70 é um marco na história da literatura para a infância e para a adolescência no Brasil. Até então, com raras exceções, a produção trazia um forte cunho didático, com lições de moral explícita e com a repetição de papéis sociais de forma conservadora e doutrinária. A criança era representada como um adulto em miniatura, personagem passivo à espera de que os pais, representantes do saber, da experiência e do conhecimento, surgissem em seu socorro. Nota-se também nos textos anteriores aos anos 70 a reprodução de papéis sociais, em que ao pai, representante do gênero masculino, cabia a função de prover a família e de regrá-la. Assim, não é incomum a representação de pais retornando do trabalho, de terno e gravata, exercitando um papel social ativo. Já à mãe, figura normalmente secundária, cabia o papel feminino: lidar com questões domésticas, zelar pelo lar. Dessa forma, é comum, quer no texto, quer na ilustração, a mulher ser representada lavando roupa, cozinhando, vendo televisão. A ela

¹ Caio Riter é professor, escritor, mestre e doutor em Literatura Brasileira pela UFRGS. Possui vários livros publicados, dentre eles: *A formação do leitor literário em casa e na escola*; *O rapaz que não era de Liverpool*; *Vento sobre terra vermelha*; *Sete patinhos na lagoa*; *Pedro Noite*. Seu livro *Apenas Tiago* foi em 2013 para participar do catálogo da Biblioteca *White Ravens*, na Alemanha, que reúne o que de melhor foi publicado para crianças e adolescentes nos mais diferentes países. Recebeu vários prêmios literários, tais como, *Barco a Vapor*, *Revista Crescer*, *Ofélia Fontes*, *Orígenes Lessa*, *Açorianos*. E-mail: caioriter@uol.com.br.



cabia também o papel da afetividade: o carinho, a acolhida, o abraço eram prerrogativas femininas. Claro que, ainda hoje, há autores (e autoras também) que seguem reproduzindo a estrutura social presente nos livros anteriores a 70. Todavia, hoje, muitos autores e autoras escrevem histórias em que a estrutura familiar não é mais aquela tradicional, formada por um pai, uma mãe e, normalmente, dois filhos: um representando cada um dos gêneros. Tais autores, poderia se dizer, são herdeiros da década de 70, que trouxe para a literatura infanto-juvenil novas perspectivas de se pensar a infância e sua relação com temas até então considerados tabu, tais como morte, sexualidade, separação, discussão de gênero.

Marie-Louise Von Franz, ao analisar o feminino nos contos de fadas, acredita que a representação da mulher se dá de acordo com o gênero de seu narrador. Para ela, “certos traços foram sublinhados e outros atenuados, segundo tenham sido relatados, em último lugar, por um homem ou por uma mulher” (Franz, 1995, p. 12). Embora não se possa desprezar tal percepção, creio que ela não seja tão categórica assim. Acredito que a representação do gênero feminino em um texto está muito mais atrelada à visão de mundo de seu autor ou de sua autora do que, necessariamente, ao gênero com que ele ou ela se identificam. Tudo passa pela sensibilidade do olhar daquele que escreve: seu estar no mundo pode se pautar pela mera reprodução deste, sem qualquer juízo de subversão, ou pode desejar construir universos ficcionais que questionem o status quo, abrindo um leque de possibilidades de o leitor se assenhorar do mundo a partir de visões que possam transgredir uma norma conservadora que limita funções, dividindo-as em masculinas ou em femininas. Franz, nesse sentido, ainda referindo-se aos contos de fadas, diz que um texto pode representar a mulher concreta ou a Anima, aquela que se move pelo desejo de agradar ao homem. Por vezes, as duas estão presentes: ora uma domina, ora a outra.

Assim, é interessante que nos perguntemos sobre como o gênero feminino tem sido revelado por meio de histórias para a infância ou para a adolescência que foram publicadas nos últimos anos no Brasil. Para tal, importante destacar a literatura de Lygia



Bojunga², cuja obra revoluciona, em muitos aspectos, o fazer literário infantojuvenil, já que há, na construção de seus mundos ficcionais, um contraponto à estrutura conservadora familiar e social. A autora investiu em temas ou em situações que subvertem o estatuto social e também a visão de que crianças e adolescentes são seres que precisam ser educados, via literatura, para se adaptar à sociedade tal qual ela é. Assim, seus livros tratam de temas pungentes e, muitas vezes, não vistos como adequados aos leitores iniciantes, tais como estupro, abandono da infância, separação, morte.

Ricardo Azevedo, em artigo que fala sobre formação de leitores, defende a importância de que livros infantojuvenis mergulhem em tais universos. Diz ele,

argumentar que não pertencem ao “universo infantil” é referir-se a um acomodado e redutivo — além de improvável — modelo teórico-abstrato do que seja a infância. Crianças, na vida concreta, inconscientemente ou não, buscam seu autoconhecimento e sua identidade; têm sentimentos e razão; sonham e se apaixonam; têm dúvidas, medos e prazeres; ficam perplexas diante da existência de múltiplos pontos de vista; têm dificuldades em separar realidade e fantasia; são sexuadas e mortais. Em suma, são essencialmente seres humanos”. (Azevedo, 2004, p.42/43)

3

Em 1976, Lygia Bojunga publica, pela primeira vez, a história de Raquel, uma menina que não compreende muito o mundo familiar que a cerca, repleto de instabilidades, o que a faz buscar na fantasia um espaço para se entender e ser feliz. No livro *A bolsa amarela*, a protagonista, uma menina ensimesmada em virtude de não ter vez nem voz, recebe de presente uma bolsa. Na verdade, a bolsa amarela está junto com outros objetos e vestimentas doados por uma dia. A bolsa, assim como Raquel, não é valorizada, ninguém a deseja. Por isso, será o objeto destinado à garota, que se encanta com a bolsa (elemento bastante simbólico do universo feminino) e faz dela um repositório de suas vontades. Já na abertura do livro, narrado em primeira pessoa, a voz da menina Raquel

² Lygia Bojunga nasceu em Pelotas, Brasil, em 1932. Foi a primeira escritora latino-americana a receber o prêmio Hans Christian Andersen. Publicou vários livros, com os quais recebeu prêmios e distinções literárias, entre eles, destacam-se *Os colegas*, *A bolsa amarela*, *Corda bamba*, *Meu amigo pintor*, *Seis vezes Lucas*, *A casa da madrinha*.



sendo a condutora pelos caminhos da leitura, são expostas suas vontades e seu desejo de que os “grandes” não as conheçam:

Eu tenho que achar um lugar para esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenininha, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço na aula de matemática, comprar um sapato novo (...) Vontade assim todo o mundo pode ver (...) Mas as outras — as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida — ah, essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum. (Bojunga, 1976, p.11).

Percebe-se, pois, a desintonia de Raquel com o mundo que a cerca; mundo que não está apto a conhecer suas vontades, visto que as menospreza. Tanto o pai, quanto a mãe ou os irmãos, nenhum deles é capaz de ver a menina como um ser de vontades. E, Raquel, nessa medida, tentará se impor, tentará ser alguém neste mundo masculino, que ela percebe como opressor, inclusive de suas vontades.

4

Não sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje acho que é só a vontade de escrever. (Bojunga, 1976, p.11).

Raquel traz em si três vontades: ser adulta, ser homem, ser escritora. Tais vontades de fato privilegiam o adulto, o macho, a palavra. E esta, normalmente, é prerrogativa dos outros dois. Assim, Raquel deseja esconder, abafar, matar a infância e a feminilidade para, quem sabe, poder se fazer ouvir, poder ser lida. Importante pensar também que a autora, ao criar Raquel com estas vontades, denuncia, sem fazer apologia, um universo segregador. Revela também o pouco espaço que a mulher possui para registrar suas histórias, visto que durante muito tempo a escrita ficou relegada aos homens. Uma mulher que a dominava poderia ser vista como uma bruxa. Raquel, ao desejar escrever, pretende pôr no papel não apenas suas angústias, mas se inserir no mundo por meio da palavra.



Raquel quer ser alguém, todavia o fato de ser criança e mulher são vistos por ela mesma como impeditivo.

Ser mulher, para Raquel, é estar à disposição do masculino, como ela revela em uma das cartas que escreve a seu amigo imaginário, André. Nela, Raquel expõe a percepção de sua irmã sobre o ser mulher: preocupação com a vaidade e com o casamento.

Eu sou tão bonita que não preciso trabalhar nem estudar: tem homem assim querendo me sustentar; posso escolher à vontade. (Bojunga, 1976, p.14).

Raquel, incomodada com a fala da irmã, inventa que Roberto, um grã-fino que a irmã deseja namorar, disse que ela é “burra que chega a meter aflição” (p.14). Ao tachar a irmã de burra, Raquel revela entender a importância da inteligência, mas sobretudo pretende desautorizar o discurso da irmã e, embora não tenha consciência clara sobre, demonstra perceber que ser mulher não é estar afeita ao marasmo ou à submissão, tendo como moeda apenas e meramente a beleza física. Raquel é mulher e se constrói como ser de vontades, embora, no início do livro, suas vontades neguem sua essência. Todavia, há uma justificativa para tal, que será explicitada ao irmão, quando este questiona o porquê de ela ter criado um amigo garoto, se ela é uma menina.

5

— É sim. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. (...) Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo de jogo que eu gosto, todo o mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem. (...) É só a gente bobear que fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que — puxa vida! — vocês é que vão ter tudo. (Bojunga, 1976, p.16).

A menina apresenta sua percepção, referendada pelo olhar da irmã, de que à mulher compete esperar, concluindo que é “fogo ter nascido menina”. Daí, uma de suas vontades ser dominar o mundo masculino. Para tal, Raquel, num primeiro momento, não percebe



outro caminho que não o de tornar-se homem. Só assim diminuiria o fardo de ter nascido mulher e poderia ter sua palavra ouvida, aceita.

No entanto, no decorrer da história, Raquel vai se construindo como senhora de suas vontades. É interessante destacar também que uma dos objetos que Raquel acolhe em sua bolsa amarela (ela possui vários) é uma guarda-chuva. Uma guarda-chuva que julgava que apenas ser bonitinha era muito pouco. Daí, seu desejo de ser paraquedas, de poder abrir-se ao vento e seguir livre, extrapolando sua condição. Com a guarda-chuva e com os demais seres com que ela preenche sua bolsa, que se torna pesada, Raquel vai questionando a organização social e os papéis destinados ao homem e à mulher, fazendo um périplo em busca de si mesma, rejeitando as vontades que não a constroem como mulher e reconhecendo-se como ser capaz de subverter a lógica imposta. Assim, e só assim, chega ao final do livro com a bolsa mais leve. Aliás, não só a bolsa: *E eu também, gozado, eu também estava me sentindo um bocado mais leve.* (BOJUNGA, 1976, p.115).

A literatura tem, pois, papel transgressor. Mais literatura será à medida que mais for capaz de, sem apologias ou doutrinamentos, apresentar personagens revolucionários ou questionadores de um mundo que não responde mais (se é que um dia respondeu) a seus desejos. A história de Raquel e sua bola, neste sentido, cumpre o papel de ser espelho invertido da realidade, sem, contudo, deixar de apontar para ela.

6

Referências bibliográficas

Azevedo, R (2004). *Formação de leitores e razões para a literatura*. En: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). *Caminhos para a formação do leitor*. DCL: São Paulo.

Bojunga, L (1976). *A bolsa amarela* (20ª ed), Editora Agir: São Paulo.

Franz, M. (1995) *O feminino nos contos de fadas*, Vozes: Rio de Janeiro.